

DARKVISION

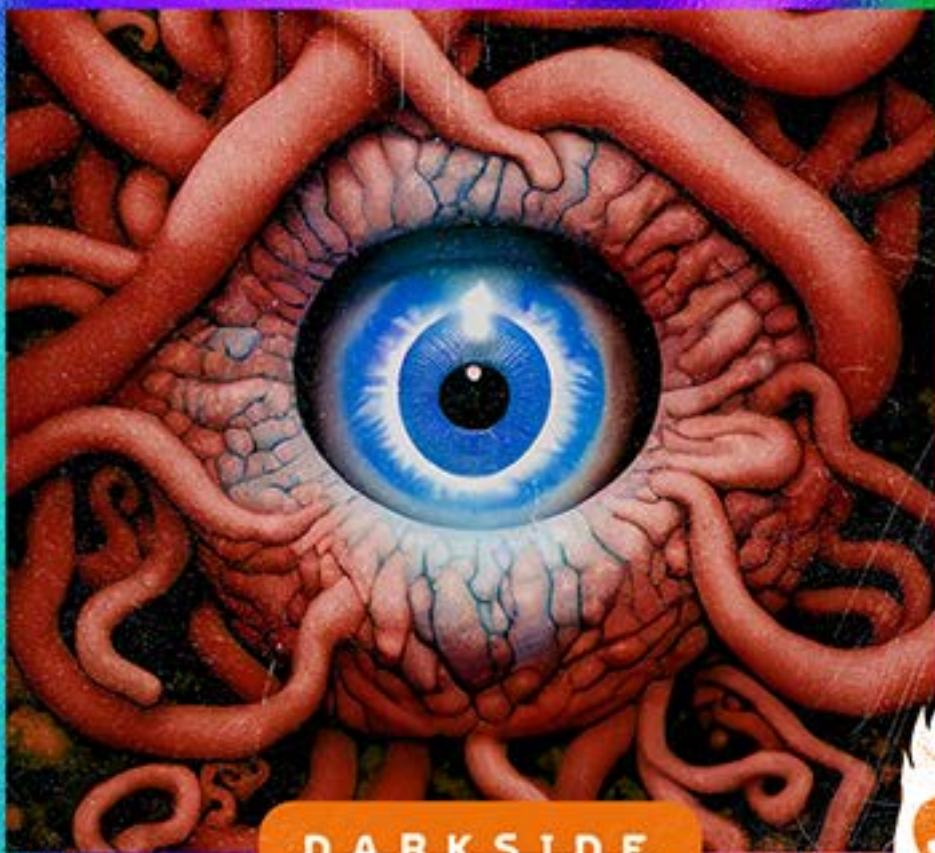
APRESENTA

UM CONTO DE NATAL

DARK

FECHADURA

VERENA CAVALCANTE



DarkSide® Entretenimento Ltda.

DARKSIDE

TERRORBR

©2022





DARKVISION
APRESENTA

UM CONTO DE NATAL
DARK
DARKSIDE

VERENA CAVALCANTE

FECHADURA

VERENA CAVALCANTE

Se não reconheci tia Lili de primeira, não foi por meus quinze anos de andanças por aí, de todas as léguas e solas gastas, nem pelos contornos decrépitos da casa, antes tão limpa e fresca, agora coisa esquecida, devorada pelo tempo ou pela ausência, uma construção recoberta de folhas secas, cercada de amoreiras jovens que pintavam o alpendre da casa de grandes manchas violetas, parecidas com buracos de bala no concreto branco. Tampouco foi por confundir o rosto dela com o de todas as mulheres que se deitaram diante de mim de pernas abertas, receptáculos do meu desejo contido, canções de ninar de carne e osso. Voltando para casa homem feito, querendo passar as festas de fim de ano com a única mulher que já chamei de mãe, encontrei tudo mudado. Dentro e fora.

— Você, meu filho...!

Tia Lili disse ao abrir a porteira, desse jeitinho, como se nossa diferença de idade fosse grande, como se não me tivesse criado quando era só menina-moça na casa de três cômodos da família; a única irmã de meu pai, órfã e solteira, que mal contava 16 anos. Aproximou-se levantando os braços magros e me abraçou de um jeito débil, trêmulo, sem entusiasmo, enchendo minhas narinas de um cheiro salgado de pântano.

Ergueu para mim os olhos amendoados, mostrou os dentes bonitos, reatinhos de tanto chupar macaúba, cujas cascas partíamos na dobradiça da porta na falta de um quebra-nozes de verdade. Enxerguei entre eles um lampejo vermelho, um estranho movimento, que tomei como jogo de luzes, balançar de folhas a formar prismas, algum arco-íris solar.

— Vem entrando, vou passar um café fresquinho.

Passou por mim com movimentos ondulantes, balançando os quadris arredondados que, antes, pareciam ancas de mula faminta. O cabelo, outrora de matiz acinzentada, brilhava em tons de carmim, cristal de cornalina. Sentia-me amordaçado, a língua adormecida, enquanto ganhava o interior sujo da casa, desviando de entulhos, caixas de papelão, embalagens velhas de alimentos, fezes de animais, tentando disfarçar meu espanto diante da imundície que contrastava com a vitalidade recém-ganhada de minha tia. Coando o café em uma meia-calça usada, tia Lili tirou da geladeira uma jarra de alumínio. Um cobertor de nata vedava a abertura do recipiente que recendia a queijo velho.

— Quer leitinho no café, meu menino?

Eu era novo demais para lembrar como mamãe estrepou o pé no terreiro em uma das viagens de meu pai, não sabem se em arame, espinho ou dente de cobra, e na lida dos afazeres e do bebê novo de colo, foi deixando e deixando pra lá, esfregando unguento e babosa, enquanto o pé inchava e escurecia, a pele se rompendo feito casca de manga passada. Junto dela o leite também ia se esvaindo, pegando gosto de podre, mudando de cor para um amarelo-escuro, gema de ovo, enchendo minha boca de um líquido frio e grosso, quase coagulado, vindo de um coração que não batia mais. Tia Lili me encontrou debaixo de uma nuvem de moscas-varejeiras, no leito sujo de pus e sangue, sugando o seio do cadáver de minha mãe, já quase totalmente coberto de minúsculas larvinhas. Então, ela me tomou para si. Como um parasita que se aferra ao lombo de uma vaca, amarrado nas costas de tia Lili, apanhava algodão na roça, cuidava da horta, dos bichos, ocupava todo o espaço ao lado dela na cama que nunca viu homem nenhum exceto o menino que crescia rápido e viril.

Enquanto eu bebia o café amargo e escuro feito piche, evitando olhar para as rachaduras nas paredes, para as tábuas quebradas no chão, tia Lili se mexia de um lado para o outro, inquieta, coçando o dorso das mãos, a curva do pescoço, levantando vergões vermelhos.

— Viu, meu bem... O banheiro tá quebrado. Se precisar usar, cê vai ter que ir no peniquinho.

Tia Lili riu, abrindo demais a boca, mostrando a garganta, a úvula inchada e obscena. Com as mãos úmidas, geladas, apertou meu joelho debaixo da mesa, e se levantou em seguida, indo se fechar, com pressa, atrás da mesma porta de madeira que tinha pedido que eu não adentrasse. Não saiu mais. Terminei o café e fui até o único quarto da casa que, por muitos anos, dividimos.

Ela ainda dormia na cama de patente, na qual, na cabeceira de madeira, enrolava um cinto de couro preto que, no terror noturno das madrugadas, eu enxergava como cobra raivosa assomando sobre mim, muito ereta e rija, me fazendo molhar a cama, meu mijo quente enchando o colchão, a camisola da tia. Debaixo dela, junto a uma mala descascada e dois pares de sandálias sem tiras, estava o velho penico de cerâmica azul, onde uma noite, já quase adolescente, acometido de uma perigosa meningite, chegando aos 41 graus de febre, me agachei sem forças e soltei uma diarreia ardente, explosiva, expulsando centenas de lombrigas fumegantes, imóveis, aglomeradas em uma mistura ensopada que, em meu delírio convulsivo, parecia uma panela de macarrão. Tia Lili pulou da cama, examinando o penico e tocando em mim, encostando a testa na minha, aferindo a temperatura do único jeito que sabia.

— Estão mortas. Você está tão quente que fritou as lombrigas.

Entrando no mesmo banheiro de onde eu agora ouvia saírem gemidos abafados, tia Lili me carregou nos braços apesar do tamanho, despin-do-se e entrando comigo debaixo da água gelada, enquanto eu berrava de frio e dor, tremendo até os dentes virarem castanholas, quase arrancando o bico do peito macio que ela enfiou na minha boca, revirando os olhos debaixo d'água, com os cabelos escorridos pelo rosto, como as imagens de santas. Mamei aquele seio seco como se vertesse leite em abundância, meu pau jovem se enchendo de sangue, enquanto, do ralo

improvisado debaixo do chuveiro, surgia um aglomerado de vermes de lodo, uma bola rubra e buliçosa, que volta e meia eu encontrava no lamaçal perto da lagoa onde as meninas nadavam, nas poças de água suja de beira de estrada perto dos puteiros, nos cantinhos do azulejo sempre que espiava tia Lili tomando banho, pelo buraco da fechadura.

Foi por ali que enxerguei a cena. O banheiro coberto do chão até o teto do que parecia um musgo vermelho, um tapete movediço de vermes de lodo, minhocas finas e encarnadas, que pareciam balançar como fios de cabelos ao sabor da brisa, ninhos e pelotas infindáveis de parasitas, que tia Lili cultivara ao longo de todos aqueles anos de solidão, de espera e de saudade. No corpo simultaneamente maduro e virginal, as pequenas criaturas se aderiam como uma segunda pele, uma pelúcia púrpura, roçando nos bicos duros dos seios, nas voltas dos lábios úmidos de saliva, acariciando a genitália casta, com corpos melífluos como pequenas línguas, suaves como plumas, doces como dedinhos minúsculos de matéria quase incorpórea.

Tia Lili gemia, suspirava, enternecida, devorando mãos cheias de vermes, esfregando o vão entre as pernas, enfiando para dentro dele montes e montes de bichos vivos, dançarinos, esperando que crescessem na escuridão quente dentro dela como fungo, moldando estalactites e estalagmites de gozo eterno. Quando abri a porta e desci o zíper das calças, só emitii um choro baixo e emocionado, abrindo os braços sarapintados de amor proibido.

VERENA CAVALCANTE é tradutora, revisora de textos e escritora. Autora das coletâneas *Larva* e *O Berro do Bode*, em 2021 lançou seu terceiro trabalho literário, *Inventário de Predadores Domésticos*, publicado pela DarkSide® Books. As histórias de Verena transitam entre os pavores da infância e as assombrações rurais e urbanas, perpetrando os diferentes horrores do universo feminino.



UM CONTO DE NATAL
DARK
DARKSIDE

DARKSIDEBOOKS.COM